

# Jornalistas prestam o "vestibular" do Senado

BRASÍLIA — Parecia um minivestibular. Bem cedo, os 2.000 concorrentes às vagas de jornalistas, tradutores, enfermeiros e bibliotecomunistas abertas pelo Senado Federal chegaram à Universidade de Brasília para a primeira etapa de provas. Houve até protesto: o sindicato dos enfermeiros reclamou da decisão de um juiz de Brasília de permitir que uma médica fizesse concurso para enfermeira.

Em cinco anfiteatros do Minhocão Sul foram alojados os 573 jornalistas que disputam dez vagas de técnico em comunicação social, num clima mais de

festa do que de nervosismo. "Não estudei nada para a prova", dizia um dos concorrentes, resumindo o que poderia declarar boa parte dos jornalistas. "Esta prova não é para quem está na profissão há mais tempo. São só teorias de comunicação de que ninguém se lembra mais e nem quer estudar para se lembrar", comentava outro.

Era um grupo eclético. Havia desde recém-formados a professores da Universidade de Brasília, e até um ex-secretário do trabalho do Governo do Distrito Federal, Marco Antônio Campanela, mal à vontade no anfiteatro 4. Poucos jornalistas

já tinham participado de um concurso antes, e um desses veteranos confessava estar nervoso, considerando-se "obrigado a passar".

Mas o assunto principal dos minutos que antecederam a prova foi a cobertura que o Estado tem dado ao concurso. "A publicação do nome das pessoas que estão prestando concurso fere os interesses individuais do cidadão", acusava um. Mas houve quem defendesse o jornal: "Quem faz um concurso público não tem do que se esconder", afirmava um candidato que não quis se identificar.